

VOZES QUE CONTAM: O MITO DE ORIGEM DE IMIGRANTES DE PARAGOMINAS/PA

*Aida Suellen Galvão Lima*¹

*José Guilherme de Oliveira Castro*²

Resumo

O presente artigo aborda a construção do mito de origem de Paragominas narrada por imigrantes e foi retirado dos escritos da dissertação de mestrado que trata desse sujeito considerado diferente, mas que carrega consigo características próprias do seu mundo vivido. O texto tem por finalidade mostrar o contraponto entre a história oficial e a vivida por narradores pioneiros e participantes da história da cidade. A partir das narrativas de vivência dos imigrantes, pode-se perceber sua necessidade de possuir uma identidade conectada à suas origens que se traduzem em seu esforço cotidiano de perpetuar sua cultura e tradições. De forma a dar respaldo e ressonância ao texto, utilizou-se autores que tratam sobre memória, narrativas orais e mito de origem. As narrativas de vida dos imigrantes permitem compreender suas trajetórias pelo fazer-se da mobilidade e da procura. Dessa forma, a reflexão das histórias de origem da cidade dar-se-á pela perspectiva da vivência e presença desses sujeitos participantes na construção histórica do lugar.

Palavras-chave: Memória. Narrativas orais. Imigrante. Mito de origem.

Abstract

This article focuses on the construction of the myth of origin of Paragominas narrated by immigrants, and has been taken from the writings of the dissertation which deals with this subject considered different, but it carries its own characteristics of the lived world. The text aims to show the contrast between the official story and the storytellers experienced by pioneers and participants in the history of the city. From the narratives of experiences of immigrants can realize their

¹ Mestre em Comunicação, Linguagem e Cultura da Universidade da Amazônia (Unama). Contato: palavramusical@hotmail.com

² Doutor em Letras, pela PUC do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Professor adjunto da Universidade da Amazônia (Unama). Contato: zevone@superig.com.br

need to have a printer connected to its origins as manifested in his everyday struggle to perpetuate their cultural identity and traditions. To give support and resonance to the text, we used authors that deal with memory, oral narratives and origin myth. The life narratives of immigrants to understand their trajectories allows they do: mobility and demand, thus the reflection of the origin stories of the city will give up from the perspective of experience and presence these subjects participating in the historical construction of place.

Keywords: Memory. Oral narratives. Immigrant. Origin myth.

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem o intuito de refletir as diferentes histórias sobre o surgimento da cidade de Paragominas/PA e poéticas que definem o mito de origem contado por narradores viventes, em diferentes tempos e que no presente se ressignificam, bem como os múltiplos agentes sociais que se tornaram caminhantes pioneiros e pertencentes a esse espaço.

Assim, conhecer mais sobre os sujeitos que compõem a história da cidade é um dos objetivos, pois, muitas vezes, se encontram esquecidos em uma cidade em pleno desenvolvimento. Isto significa se propor a entender os anseios e privações de uma vida pautada em andanças e convivência com pessoas de diferentes lugares. Paragominas traz consigo memórias, poéticas e identidades culturais diversas que permanecem nas lembranças individuais e sociais dos seus moradores e comerciantes, compondo uma parte da história do lugar constituído por imigrantes. Assim, o presente estudo buscou conhecer os usos desse espaço, seu processo de ressignificação e construção nos diferentes tempos e os diversos significados que essa cidade tem para os seus múltiplos atores sociais.

Para tanto, se fez fundamental conhecer os diferentes imigrantes que vivenciam esse espaço, e o estudo propõe refletir as muitas memórias e outras histórias que cercam o cotidiano desses agentes, principalmente os vindos de Minas Gerais e Goiás (pessoas essas que dão nome ao lugar Paragominas, uma mescla de mineiros, goianos e paraenses que primeiro habitaram e construíram a cidade). Porém, em meio às andanças pela cidade, percebe-se que no lugar há pessoas vindas de outras regiões, entre eles capixabas, nordestinos e do próprio Pará, compondo um espaço de diversidade cultural.

Muitas foram as inquietações que impulsionaram a reflexão acerca do mito de origem, memória e poéticas que cercam a cidade de Paragominas, bem como a identidade de seus agentes, buscando fragmentos por recursos mnemônicos³ e de oralidade das histórias perdidas no tempo. Para ter plausibilidade científica (histórica), o depoimento – em que se inscreve a memória – deve ser criteriosamente avaliado pelo pesquisador, ou seja, passar por uma “crítica das fontes”:

A possibilidade de realizar entrevistas de história oral com pessoas de grupos sociais distintos não exige o pesquisador da interpretação e da análise do material colhido. Falar de história democrática pode levar ao equívoco de se tomar a própria entrevista não como fonte – a ser trabalhada, analisada e comparada a outras fontes – e sim como história. (Albert, 1996, p. 5).

Portanto, dentro da cidade, nas praças e ruas há diferentes atores sociais, e é fundamental para a história do lugar que nos tornemos caminhantes desses espaços para conhecer o que parece invisível aos olhos. É neste sentido que, ao dialogar com velhos pioneiros e imigrantes sobre a construção da cidade, como eles chegaram e porque vieram para Paragominas, foi possível descobrir que há diferentes pessoas desconhecidas e apagadas da memória considerada oficial, porém ativas nas lembranças de quem viveu a história do lugar. São comportamentos, memórias e narrativas pouco conhecidas no tempo presente, mas que já foram vivenciadas por homens e mulheres que marcaram os espaços da cidade; que se tornaram “sujeitos populares” de uma história cidadina, lembrados por memorialistas. Foram as suas narrativas que possibilitaram notar como participaram do cotidiano de Paragominas, numa relação em que as pessoas se dispuseram a contar suas histórias e eu a ouvi-las atentamente.

Para melhor compreender os diferentes usos e abusos dos espaços da cidade foi necessário conhecer os lugares oficiais, a memória e as narrativas de pessoas que há muito tempo vieram para Paragominas em busca de melhores condições de vida e encontraram, no lugar, uma oportunidade de viver e construir suas vidas e famílias, em meio à mata fechada e a conflitos de terras, cada um buscando um lugar no vasto espaço de floresta que se tornou uma cidade:

Eu vim atrás de trabalho, trabalhava na usina, naquela época, aí eu sai e vim pra cá. Aqui tinha três casas, já tinham desmatado, por onde era o começo da cidade

³ O termo faz referência à deusa da mitologia grega Minemosine, deusa guardiã das memórias.

aqui, já tinham desmatado, tinha uma pequena serraria, do Gerônimo, hoje ele mora em Castanhal (Narrador 3).

As memórias da cidade de Paragominas estão cercadas por diferentes traços, costumes e gerações, e é com o intuito de conhecer e aprender um pouco mais sobre elas e sobre as diferenças culturais na cidade que este estudo caminhou, na busca do “não visível”, do ainda “não dito”, ou seja, de estudar e de refletir as diferentes memórias, além da oficial, transmitidas através do método da história oral, para que se possa reconstruir suas histórias de vida e as diversas maneiras de se contar o que é esse espaço, tão diversificado e híbrido.

Para tal reflexão, foi fundamental realizar um diálogo teórico com estudos oficiais já existentes no lugar, para tentar mapear famílias que ajudaram a construir a história de Paragominas. A partir daí, sair em busca dos narradores sobreviventes ao tempo, pois estudar as diferentes maneiras de se contar é refletir o cotidiano de nossos narradores no espaço e no tempo. Esse vazio, constituído pela carência de uma história vivida, faz aflorar uma demanda pelo passado, que passa a ser o significante do presente. Segundo Ecléa Bosi:

A memória permite a relação do corpo presente com o corpo passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo ‘atual’ das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, ‘desloca’ estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora (1994, p. 46).

O espaço da cidade e as práticas em torno dela trazem consigo, também, toda uma rede de representações, de memórias que se entrelaçam, construindo o saber e a visão de mundo que envolve os diferentes sujeitos. Ao percorrer o ambiente do estudo e conversar com imigrantes pioneiros, as lembranças “ganham pernas” e podem se tornar informações concretas; em vez de apenas falar de um lugar, vive-se esse lugar, fundindo as práticas no cotidiano com o comportamento no espaço, porque, como afirma De Certeau:

Os lugares são histórias fragmentárias e isoladas em si, dos passados roubados à legitimidade dos outros, tempos empilhados que podem se desdobrar, mas que estão ali antes como histórias à espera e permanecem no estado de quebra-cabeças, enigmas, enfim, simbolizações enquistadas na dor ou no prazer do corpo (1996, p. 189).

Foi importante, ainda, valorizar, além das memórias que estão nas lembranças das pessoas, também as marcas que a história deixou ao longo

do tempo em suas praças que levam o nome do pioneiro da cidade (Célio Miranda), nos comércios e nas residências; bem como entender também a cultura como “expressão de todas as dimensões da vida, incluindo valores, sentimentos, emoções, hábitos e costumes, associada a diferentes tipos de realidade”.⁴ Eleger a identidade cultural como mais um campo de minha reflexão foi fundamental neste trabalho, porque isso ampliou as possibilidades de explicação, interpretação, investigação no social, como nos diz Michael Pollak:

Podemos, portanto, dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si... A memória e a identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais (1992, p. 200-212).

Discutir as diferentes memórias que compõem as histórias de Paragominas faz pensar em diversidades culturais, sem deixar de realizar uma interlocução com a identidade de seus moradores, para se entender como se dão as relações sociais, assim como os traços comuns que foram interpretados na documentação, seja oral ou escrita. Importante ressaltar que este estudo não trata somente da história do passado, pois trabalha com a ideia da contemporaneidade, que nos faz entender como esse passado vem sendo reconstruído no presente, através da memória.

HISTÓRIA OFICIAL DE PARAGOMINAS

Paragominas é um município localizado no sudeste paraense a 300 km da capital Belém. Ele nasce próximo à rodovia Belém-Brasília, no período do governo presidencial de Juscelino Kubitschek. No intuito de colocar em prática seu plano de metas – 8 e 9 – o presidente resolveu construir uma rodovia que integrasse o Norte com o restante do Brasil, sonhando com a integração da Amazônia.

Segundo pesquisa feita sobre a cidade, a professora historiadora Gláucia Lygia Rabello Leal faz um estudo histórico sobre o lugar, e em seu livro relata:

⁴ Fenelon, Déa Ribeiro; Cruz, Heloísa Faria; Peixoto, Maria do Rosário da Cunha. *In: Muitas Memórias Outras Histórias*. São Paulo: Olho d'Água, 2004, p. 9.

Antes da construção desta rodovia o Pará vivia, praticamente, isolado do restante do país. Para se chegar à capital paraense, somente por via aérea ou marítima. Ou, se partia do Maranhão, a única opção por terra seria através de uma picada, acompanhando a costa, passando por Santa Helena, Viseu, Bragança e, daí, pela costa do salgado, atingia-se Belém, no chamado ‘caminho do telégrafo’ e, também através desta rota o gado era trazido até o Pará (2000, p. 19).

Assim se deu o nascimento de Paragominas, em função da construção dessa rodovia, que antes passava dentro da cidade, porém, devido à existência de muitas ladeiras, foi desviada e, hoje, está ligada à BR-010, distante 12 km de estrada. Paragominas se difere dos outros municípios do Pará por não ter sido colonizada por portugueses nas missões jesuítas, e por não fazer proximidade com o mar ou grandes rios. O município não nasceu por acaso, ele foi planejado em um mapa de localização e um projeto feito da cidade. Em uma expedição, seu idealizador Célio Rezende de Miranda, junto com seus assessores Eliel Pereira Faustino e Manoel Alves de Lima, implantaram a cidade.

Célio Miranda nasceu em Minas Gerais, e segundo relatos oficiais:

Ele construiu Paragominas com recursos próprios e com a venda das glebas de terras para aqueles que pretendiam fixar-se na região, criando várias fazendas, atestados por documentos, pois o dinheiro era empregado na construção da cidade, sem ajuda de Governo federal ou Estadual (Gláucia Leal, 2000, p. 22).

A ideia de construção da cidade surgiu quando Onofre Rezende de Miranda (irmão de Célio Miranda), através de uma entrevista com Juscelino, soube de seus planos de construção da rodovia e perguntou se poderia implantar uma comunidade ao longo da rodovia. Sendo assim, Célio Miranda estudou mapas e “aerofotogrametrou” o local onde seria localizada a cidade e, entre os rios Gurupi e Capim, começou a colonização, o que só seria possível com o advento de uma cidade. Apoiado pelo presidente, Célio Miranda entregou ao governador da época, Magalhães Barata, o documento, cedido pelo presidente, com o pedido de doação da gleba de terra por ele escolhida. O governador atendeu ao pedido e a construção se iniciou.

Depois de vários dias em viagem por vias marítimas e terrestres, pois a rodovia estava em construção e o acesso era bem precário, a equipe de Célio Miranda chegou ao local e começou a demarcação das fazendas e das terras que iriam formar a cidade, que precisava de um nome. Muitos nomes foram sugeridos, porém Célio Miranda convocou Manoel Lima, Eliel Faustino e Severino Guimaraes e anunciou:

Num certo momento de inspiração, disse Célio Miranda que, estando as terras localizadas no Estado do Pará, sendo os pioneiros goianos e ele, o idealizador do projeto, nascido em Minas Gerais, mineiro, bem como, os investidores que haviam adquirido as glebas de terras, gerando o capital necessário, o nome adequado seria Paragominas, porque: PARÁ (Estado onde seria fundada a cidade), GO (Goiás, em homenagem aos companheiros de caravana e colonizadores) e MINAS (Estado de origem do idealizador, Célio Miranda) (Gláucia Leal, 2000, p.51-52).

Enfim, em meio a desmatamentos e abrindo densas florestas com ajuda de máquinas, embora em alguns lugares as máquinas não conseguissem adentrar, então, a abertura foi feita a facão e, assim, a construção de Paragominas começou a ganhar forma. Em 23 de janeiro de 1961, foi lançada a pedra fundamental do futuro município, com a representação do bispo de Bragança, Dom Eliseu Caroli, que através de uma missa solene, na igreja de madeira, ao pé do cruzeiro, abençoou a nova “vila de Paragominas”.

Hoje, Paragominas tem muitos atrativos para a prática do lazer e se tornou bem desenvolvida; praças bem estruturadas, em cada bairro; ruas asfaltadas; casas bem construídas, e o símbolo do progresso da cidade está no único prédio de doze andares que simboliza o crescimento da estrutura da cidade. Culturalmente, Paragominas conta com diversas manifestações e uma famosa feira agropecuária denominada Agropec, evento que atrai diversos investidores para mostrarem suas principais produções, como o polo moveleiro e o cultivo de grãos. No começo, o município tinha como principal economia a madeira e suas carvoarias, logo após passou para a agropecuária e hoje investe na produção de móveis MDF. Devido ao fato de, no início da construção da cidade, ter ocorrido um devastador desmatamento, a cidade, atualmente, tem um projeto de reflorestamento que lhe deu o mérito de município verde.

A comunidade apresenta-se híbrida, constituída por tantos povos que, na circulação, por conta de atrativos do novo lugar, trazem os traços diferenciados e outros aspectos da urbanidade que dialogam no acontecer de Paragominas. No percurso da investigação, o olhar para a cidade ajudou a compreender os narradores, suas diferenças e suas composições numa dimensão visível e tangível em que o olho que via, ao mesmo tempo, também palpava.

É com esse olhar que é feita a observação de pesquisador, a partir do exato momento em que este começa a viver e a ver o objeto de estudo. Olhar que olha também com o corpo, que torna o visto tátil, e permite, no decorrer

da pesquisa, ver por inteiro cada acontecimento manifestado no cenário da investigação.

O MITO DE ORIGEM DE PARAGOMINAS

O termo grego *mytos* significa dizer, falar, contar. Do apogeu do racionalismo grego até o início deste século, mito tinha o sentido de fábula ou conto, uma fantasia das camadas mais ingênuas ou menos esclarecidas da sociedade.

O mito é uma resposta à tentativa arcaica e perene de responder às questões sobre a origem do mundo, dos elementos, dos fenômenos e outros. Desde o início dos tempos teve essa função: expressar a indagação do ser humano sobre o universo e sobre o próprio ser. A perplexidade sempre esteve presente, faz parte da História desde a aurora da pré-história.

Linguagem comum, mítico queria dizer falso. Mito significava mentira. Com a penetração do positivismo no pensamento do final do século XIX, essa conotação parecia definitiva.

As pesquisas em Etnologia e Religião Comparada, no início do século XX, devolveram à palavra mito o sentido que ela sempre teve nas sociedades primitivas, estendendo-o agora, também, ao uso do vocábulo nas civilizações antigas. Na visão antropológica, mito significa verdade, contrapondo-se ao original grego, mais do que isso: a verdade mais profunda e perene. Significa história verdadeira, tão mais verdadeira quanto é revelação primordial, modelo das atividades e instituições humanas. É exemplar e sagrada: só pode ser recitada, cantada ou dançada em ocasião solene, o que lhe dá o caráter de santidade. O acesso a seu relato é reservado aos que já se submeteram a uma iniciação.

Só se compreende o mito pelo próprio mito. Quando as investidas não o destroem, no mínimo, seu crivo de análise passa despercebido por ele. Pois, muito mais que a razão e a ciência, o mito está encarregado de conter, por uma espécie de “razão engajada”, aquilo que deve ser encarado como o plenamente humano.

O mito é a maneira de vida que a ciência, embora almeje, jamais será. E se a ciência pretende transformar-se num modo de vida, como pode bem nos parecer na civilização altamente tecnicista de hoje, só o será miticamente. A ciência só destrói um mito criado por outro: o de si mesma. E, como por um paradoxo inesperado, vemo-nos, hoje, diante de uma tarefa cada vez mais inadiável: a de desmascarar o mito da ciência.

Para a razão, o mito, na acepção que aqui é adotada, não é ficção, engano e falsidade, é, isto sim, um modo de falar, ver e sentir dimensões da realidade, inatingíveis racionalmente, dando-lhes significado e consistência. Nesse sentido, o pensamento mítico põe limites à reflexão filosófica, que é de ordem estritamente racional, está aí toda a tradição milenar para constatá-lo.

Portanto, todo mito de origem conta e justifica uma situação nova, quando, por exemplo, o homem se deparou pela primeira vez com o fogo, se recorreu a narrativas míticas para explicar esse acontecimento. O mito traduz-se numa justificação da existência, fundando o temporal no intemporal, constituindo um princípio da integralidade, “... que satisfaz por esse recurso a uma prioridade ontológica, uma verdade que lhe antecede em valor” (Gusdorf, 1980, p. 34).

Através do processo de contar, ler, ouvir as narrativas, possibilita às gerações mais jovens a compreensão do tempo primordial e trazem para si como realidades, fazendo viver, na imaginação, os acontecimentos que lhe foram narrados; isso contribui para a formação da identidade do homem como e onde ele vive. Claro que isso só é possível com a aceitação e identificação desse homem com todos esses valores transmitidos e com o lugar onde vive.

Partindo, então, da explicação do mito, deve-se estabelecer a relação deste com a história vivida. Como um todo, pode-se considerar que o mito está inserido na cultura de um povo, se assim não fosse, não teria nenhuma importância. Por sua vez, é através da cultura que se estabelece a relação entre mito e verdade. “Afirma-se cada vez mais a consciência de que se trata de uma dimensão configurada do humano em níveis profundos, no nível pessoal e coletivo” (Candau, 1995, p. 2).

As histórias em torno do surgimento da cidade de Paragominas foram encontradas no livro da historiadora e professora Glauca Leal, que reside na cidade, em seu livro *Paragominas: a realidade do pioneirismo*, que conta a história oficial da origem da cidade. Porém, agora, nesta pesquisa, se procurou ouvir pessoas que viveram a construção, para observar os pontos que se assemelham com o oficial ou se contradizem através dos relatos orais de pessoas viventes, que contam, assim, o mito da origem não oficial da cidade.

Como nos revela o narrador 2:

(...) Não, eu fiquei conhecendo. Na época eu trabalhava na Goudier, certo, mas no comecinho de agosto eu me desliguei e sai de lá e aí foi que eu conheci o pessoal que estava vindo pra cá, porque aqui teria topografia e eu tava iniciando, na época, o trabalho, né, e eu me juntei a eles, eles tavam vindo, os topógrafos, a maioria de Goiás né, e tinha um gaúcho e só eu de paraense, e aí eu vim a trabalho. Então, a gente começou, fizemos o levantamento da estrada, daqui do quilometro 145,

aqui próximo, até a divisa do município, até Itinga no Maranhão, fomos a pé pela estrada, fizemos um levantamento topográfico, pra poder a gente fazer projetos para a margem direita ou esquerda da cidade, pra fazer a demarcação das áreas que hoje são propriedades né, e que iniciou. Aí a gente chegou aqui em 59, o restante pro final do ano, por aí, e eu não lembro assim com precisão uma data certa e teve uma reunião para a escolha do nome, que nome seria. Aí naturalmente começaram a ser fulano, santo não sei que, aquelas coisas toda, os devotos de qualquer santo aí, queria um nome assim. E o Célio Miranda, com muita sabedoria, disse: não, a gente gostaria de homenagear o Pará, naturalmente, por estar cedendo a terra, tá certo, homenagear o povo que veio pra fundar, na maioria, goianos; o Vicente Gomes Machado ele era paulista, nascido em Marília, mas ele já era erradicado em Goiás, morava em Goiânia, por isso, ele tava vindo como goiano, ele era engenheiro agrimensor, ele que comandava a nossa equipe, era o braço direito do Célio Miranda; Célio vinha aqui de vez em quando e o Vicente ficava mais, comandando a equipe de topografia. E então, naturalmente, homenagear Minas Gerais, porque o Célio Miranda era mineiro de nascimento também, certo. Aí como é que faz? Começou a estudar se colocava Minas Gerais primeiro, se Goiás primeiro, não, por força, o certo seria homenagear o Pará primeiro, porque é o dono da área, certo. E foi assim que começou, a discussão um tempão, até que chegou-se a um consenso aí e que todos concordaram, inclusive a placa que foi colocada, escrita a carvão, primeira placa, escrita a carvão, é Paragominas, como ficou, né, Pará, uma sílaba de Goiás né, e Minas. Por isso foi escrita para homenagear os três Estados e escrita assim, todos concordam. Essa placa ainda tem no livro que foi escrito aqui, ainda aparece a foto, que eu fotografei, eu era o fotógrafo oficial da equipe e eu não gostava de ser fotografado, não fazia questão nenhuma, e eu fotografava, aí hoje alguém me pergunta: e você aparece pouco nas fotos? Eu digo era, porque era eu que fotografava, aí todos ah tá bom, tá explicado né. Porque fui eu que fiz a foto dessa placa. E aí foi o primeiro passo, né, para a cidade, a gente tinha, com exceção de Brasília, que Brasília existia... antes de ser Brasília existia uma pequena cidade lá que se chamava Brasília, certo, foi quando foi construída a capital federal, com projeto, com forma de avião, isso tudo né. Então, aí aqui foi pra nós a primeira cidade construída, tá certo? A primeira cidade que teve uma casa que foi construída com lote demarcado, porque todas as demais cidades do Brasil começaram com um povoado né, povoado, vilarejo e foi aumentando e depois emancipou pra cidade. Aqui não, aqui foi a primeira cidade, a primeira casa foi construída em um lote demarcado. Ela foi projetada, porque nós recebemos uma cópia do projeto que seria, nos apresentaram do arquiteto Lucio Costa apresentou também a planta daqui pra concorrer também o loteamento de Brasília, entendeu. E daí, então, como ela não passou lá em primeiro lugar, ficou em segundo lugar, aí o Vicente Machado conseguiu com o doutor Jofre uma cópia do projeto, aliás um projeto definitivo, doou pra eles e eles trouxeram pra cá pra nós; aí eu tenho a satisfação de dizer hoje que fui eu que demarquei a maior parte da cidade no começo né, e foi assim que começou. E aí, a cidade foi crescendo por conta de que o Célio Miranda com seu dinamismo, conhecedor do povo que gostava de pecuária, começou a trazê-los aqui pra Paragominas e foi assim que iniciou; primeiro foi os mineiros, baianos e já na época da madeira vieram os capixabas né. Então aqui, Paragominas é uma mistura de raças, de povos de todos os Estados,

só que aparece aqui que é mais maranhense que é um Estado vizinho, o pessoal só atravessar, mas todos somos irmãos, amigos, tomos somos brasileiros. E assim começou Paragominas, e eu sou o único dessa época, porque eu estava com 18 anos na época, a maioria morreu e tal, outros se mudaram né (Narrador 2).

Perguntamos ao narrador 2 se ele conheceu o idealizador da cidade, o Célio Miranda, e como tudo foi construído. Por ter sido topógrafo da cidade foi um dos que demarcou as terras, motivo de orgulho para ele que, segundo a história oficial, aparece como participante da equipe.

A História busca produzir um conhecimento racional, uma análise crítica através de uma exposição lógica dos acontecimentos e vidas do passado, com prevalência documental. A memória, por sua vez, também é uma “construção do passado, mas pautada em emoções e vivências, ela é flexível e os eventos são lembrados à luz da experiência subsequente e das necessidades do presente” (Ferreira, 2002, p.321). É baseada, portanto, nas evocações de pessoas sobre o passado – pessoal e ao mesmo tempo coletivo. Pinto traz uma importante contribuição, afirmando que:

A memória recupera a história vivida, história como experiência humana de uma temporalidade, e opõe-se à história como campo de produção de conhecimento, espaço de problematização e de crítica. Na operação histórica, o passado é tornado exclusivamente racional, destituído da aura de culto, metamorfoseado em conhecimentos, em representação, em reflexão; na constituição da memória, ao contrário, é possível reincorporar a ele, passado, um grau de sacro, de mito (2001, p. 297).

Os outros narradores também trazem, no seu discurso, a verdade que paira sobre a cidade. Já o narrador 1 relata o que ele viu, quando chegou na cidade:

Nada, olha pra melhor lhe falar, sabe, aqui essa igreja católica, que tá bem aí no canto dessa praça grande, quando eu cheguei aqui, na Belém-Brasília, passei aqui, eu fui pra Belém passei 11 dias em Belém, voltei, cheguei aqui no dia 19 de fevereiro de 1962, tô aqui até hoje, só ali na frente, ali onde tem aquela carcaça velha que tá ali perdida, havia umas barracas velhas todas de madeira, coberta de cavaco, bem ali na esquina onde tem uma casa velha ali que tá morrendo lá, se acabando, lá perto do banco, lá tinha uma primeira igreja católica. Não que aqui tivesse padre, vinha um padre de São Miguel dirigir a missa aqui de ano a ano, fazer casamento, batizado, o primeiro casamento daqui foi até de um cearense, ele já morreu, a mulher dele tá viva, o primeiro batizado foi dum menino que era filho de um goiano, dos primeiro que veio aqui em Paragominas, o pai dele já morreu e menino tá aí vivo. E lá na frente, tinha umas barraquinha feia... por aqui não tinha prefeito, não tinha vereador... feito por Célio Miranda, que foi o fundador, inclusive, vou te falar, da Belém-Brasília que ele entrou junto

com Juscelino Kubitscheck, o JK, de Brasília até chegar em Paragominas, que ele tinha um sonho, ele era espírita, o fundador disso aqui, e ele tinha um sonho de formar uma cidade. Eu conheci ele, ele era mineiro, um homem alto, magro, boa pessoa, o defeito dele era só que ele não acreditava em Deus, ele era espírita né. Aí ele falava: eu quando morrer eu não tenho céu, vou pro planeta Marte. Planeta Marte existe, no espaço né, ele disse que o céu dele era lá no planeta Marte. Aí, isso aqui foi uma luta, pra municipalizar isso aqui. Célio Miranda ficava mais em Goiânia, ficava aqui Daniel Pereira Faustino, ficava aqui, trabalhei 8 anos com ele, ainda é vivo, mora em Belém... o Mané Lima ficava em Belém e Daniel ficava aqui, ele tinha um escritório em Belém né, e ele veio pra cá baixar uma portaria de terra aqui grande, vendeu muita terra aqui nesse Pará, mas ele não teve sorte, coitado, a mulher dele era advogada, mas ela não gostava nem dele e nem de Paragominas; a mulher dele veio aqui em Paragominas num dia que foi botado a faixa no pescoço do primeiro prefeito daqui que era o Amilca Tocantins Batista, que é o pai desse que hoje é o prefeito; Amilca Tocantins foi prefeito, primeiro prefeito lá em baixo na boca da estrada, na Rua Castelo Branco, com a Lameira Bitencourt, quase dentro do mato, acompanhado com dois general. Nesse tempo, já andava general aqui, general Andrezinho foi o primeiro, o Mauro Machado foi o vice de Amilca Tocantins, Amilca tirou 5 anos de prefeito, quando tava faltando 5 meses pra ele tirar o mandado de prefeito dele, baixaram bala nele lá dentro da exposição. Ele fez muito por essa cidade, sem ter nada, porque não tinha município, Belém não tinha recurso, o governo era o Jarbas Passarinho na época, que ele assumiu já tava no fim, depois passou para o coronel Alacide Nunes (Narrador 1).

Possivelmente a chegada, para os narradores, aconteceu de forma diferenciada, alguns participaram de maneira ativa e outros foram se infiltrando na empreitada. Mas todos vivenciaram o mesmo acontecimento, conheceram as pessoas do passado, possibilitando, assim, a verdade da história, embora cada um veja a cidade de Paragominas à sua maneira. O narrador 1 presenciou mortes que o narrador 2 não relata, pois, para ele, esse acontecimento não lhe foi tão marcante quanto para o outro.

Se de um lado a história permite atingir o universal, de outro, por meio dela, reconhece-se a sua singularidade, pois um fato ou um acontecimento é sempre único, nunca se repetirá. É nesse sentido que Le Goff (2003) argumenta três consequências do reconhecimento da singularidade do fato histórico: a primazia do acontecimento, o privilegiar os grandes homens, e a sua redução a uma narração.

O ato de rememorar é, sobretudo, o trabalho de localizar lembranças no tempo e no espaço. Nas entrevistas com os narradores, percebemos que eles se lembram de eventos, acontecimentos, lugares que sempre estão localizados no espaço da cidade a eles vinculados. Por isso, Halbwachs (2006) diz que nossas memórias se dividem em acontecimento que marcam

mais e outros que marcam menos, não que eles não sejam importantes, mas que alguns dos acontecimentos precisam ser importantes para serem guardados na memória. Outras ocorrências desagradáveis ou consideradas de pouca importância não são lembradas, a não ser se forem rememoradas por alguém da coletividade.

Nesse ato de rememoração, os narradores, além de trazerem à tona suas histórias, acabam por reconstruir nas lembranças cenários que existiam no passado “só ali na frente, ali onde tem aquela carcaça velha que tá ali perdida, havia umas barracas velhas todas de madeira, coberta de cavaco” (narrador 1). Com essas lembranças ainda vivas na memória, podemos fazer uma reconstrução do espaço da cidade antiga para a atualidade.

Diante das fontes orais, a memória nos leva a reafirmar sua importância como fonte complementar. Mais especificamente, reconhecer a relevância das lembranças evocadas e transmitidas por sujeitos, portadores da memória, e que estão presas à sua trajetória de vida ou foram passadas pela memória do lugar, permite oferecer um relato das transformações ocorridas nesse mesmo lugar, geralmente de vivência e, ao mesmo tempo, produzir uma análise parcial das mudanças por eles percebidas.

Portanto, os relatos das lembranças se transformam num instrumento analítico, que pode ser utilizado na leitura e evolução da memória de uma nação, de uma região ou de um lugar, pois assinalam o universo social de onde provém.

Provavelmente, a impressão anterior que trata da fundação e do novo espaço construído, Paragominas, leva-nos a crer no espírito de renovação e de esperanças dessa cidade planejada e construída para ser referência do progresso, do novo, dando outro aspecto para essa Amazônia, até então isolada. Contar os acontecimentos, eventos, os fatos que os cercam e que compõem a memória do seu lugar, trazendo-os para o momento atual, é uma renovação e orgulho. Apesar de a cidade ter sido toda planejada e projetada, ela ainda era um sonho, porém, percebe-se nas narrativas a esperança de concretização e a própria confiança no idealizador Célio Miranda. Acreditava-se no que ele estava fazendo, e a população, talvez sem entender muito bem, acreditou e confiou na empreitada.

Nesse contexto, Paragominas foi uma cidade totalmente planejada, mesmo sem recurso, e o seu idealizador, Célio Miranda, fazia questão da concretização do seu projeto a qualquer custo. Trouxe pessoas de todo lugar para investir na cidade, com a promessa do dinheiro rápido e fácil, gastando dinheiro público, desmatando e envolvendo pessoas em um sonho de uma cidade-modelo, como Brasília. Conforme afirma o narrador 2:

(...) Não, nós demarcamos, nós a equipe do Célio Miranda, fizemos o projeto e inclusive eu tenho o projeto aí, e ao longo da Belém-Brasília da margem direita e esquerda, até o rio Capim e ao rio Gurupi, foi demarcada as áreas aí, de 4.356 hectares, ou seja, 900 'alquiles', então, a áreas destinadas a grandes fazendas e o pessoal que comprou era um pessoal que tinha recurso lá, lá fora né, o pessoal do Paraná, mais do Paraná, mas tinha gaúcho também, baianos, mineiros, esse pessoal investiu, porque o Célio Miranda foi até eles, nos escritórios deles, casa e tudo, pra apresentar a vantagem pelo preço da terra, que aqui era custo quase zero pra eles lá, entendeu, muito barato, e com a garantia do governo de fazer o financiamento chamado de Pro-terra, Pro-terra, o pessoal recebia um financiamento pra desmatar até 50% da área, que hoje esses 50% demarcado tá o Ibama agora contra isso, aí principalmente Paragominas, tá penalizado o Pará todo por causa desse desmatamento que não podia fazer, mas, na época, ou você fazia o desmatamento ou não teria direito ao financiamento desse aí. Então, por conta dessa garantia, dessa promessa de financiamento o pessoal comprou lá as áreas pra investir não o dinheiro deles, mas o dinheiro daqui mesmo, o dinheiro do Estado né, tá certo, o dinheiro do Pro-terra, então, isso é fácil demais, quanto eles vão gastar? Não, você para aí mil reais, fica com área e de lá você consegue 10 milhões né, de lá mesmo, então, é um risco? É, mas você não tá arriscando nada seu, tá arriscando dinheiro que era do próprio Estado, né. Então, esse pessoal aí veio, pegou esse dinheiro aí, fez um movimento aí, aí uns foi embora, outros deixaram terra ou vendeu barato, enfim, e outros continuam, mas houve isso nessa época. Aí houve pessoa que depois desanimou e depois voltou, né, vendeu, outros tem... (Narrador 2).

Enfim, Paragominas construída não se apresenta apenas como uma mudança necessária ao território, mas também como uma renovação de vida cotidiana, a partir de um espaço socialmente reconstruído. O novo lugar foi construído a várias mãos, e por pessoas vindas de todo lugar, que buscavam uma nova vida ou mesmo mais um investimento, adaptando as relações sociais com a nova vivência. Construir um espaço não significa somente existir, mas estruturar instituições sociais que possibilitem o funcionamento dessas relações no espaço habitado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entender como os narradores imigrantes chegaram e se estabeleceram, as suas narrativas orais de vivências que contam uma história da cidade, tornou-se importante para que pudesse refazer os caminhos trilhados por essas pessoas que presenciaram a construção de Paragominas.

Assim, envolvidos na pesquisa e nas histórias ouvidas, percebe-se que as narrativas orais fazem pensar nas histórias familiares, nas tradições orais que

passam de geração a geração através da voz ou das vozes poéticas. Implica lembrar, também, que lá atrás, contar histórias não era apenas uma prática cotidiana, era um ofício comum, do qual muitos se encarregaram e através dele foram repassados ensinamentos e lições de vida.

As narrativas orais dos imigrantes, mais do que relatos de um fato, em que aparecem personagens marcantes, pessoas que construíram uma história, são narrativas da vida, e são também histórias vividas. São tesouros semeados na mente de quem, um dia, presenciou um sonho projetado em um papel que se tornou realidade. São relatos, memória e histórias contadas pelas vozes poéticas de homens simples, imigrantes, topógrafos, aventureiros, trabalhadores que, com a mesma habilidade com que arregaçam as mangas para o trabalho, contam e rememoram os fatos vivenciados e fazem questão de dizer “Eu vi” e, por isso, eles são também personagens.

Quando conta suas histórias, o narrador revela não apenas o lado poético do que sabe, mas também permite que quem o ouve receba a sabedoria que emana da fonte das experiências tecidas, principalmente, nas idas e vindas do processo migratório, dos sofrimentos e mudanças que aconteceram. Somente quem viveu experiências diversas tem o que contar, lembra Walter Benjamin (1986). Experiências são arcabouços das histórias contadas e vividas no desbravamento e construção da cidade. E assim, numa prática que parece tão banal – a de contar histórias – o homem até hoje tece a teia da sabedoria, repete as histórias que se tornaram importantes para a sua vida, mesmo que elas tenham acontecido com outros. E, ao repetir suas histórias, o contador desperta nos ouvintes o desejo de ouvi-las novamente.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. *História Oral na Alemanha: semelhanças e diferenças na constituição de um mesmo campo*. Rio de Janeiro: CPDOC, 1996.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. 10ª ed. São Paulo: Edusp, 1994.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas híbridas: estratégicas para entrar e sair da modernidade*. Tradução Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa; tradução prefácio à 2ª ed. Gênese, 4ª ed. São Paulo: Eitora da USP, 2003 (ensaios latino-americanos).
- DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. *Memórias da história. Nossa História*. São Paulo: Vera Cruz/Biblioteca Nacional, jun.2004.

- GUSDORF, George. *Mito e metafísica*. São Paulo: Convívio, 1980.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 5ª ed. Campinas: Unicamp, 2003.
- LEAL, Glaucia Lygia Rabello. *Paragominas: a realidade e o pioneirismo*. Belém: Alves, 2000.
- POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. Rio de Janeiro: *Estudos Históricos*, v. 5, n. 10, 1992.
- PINTO, Júlio Pimentel. Todos os passados criados pela memória. In: LEIBING, Annette; BENNINGHOFF-LÜHL, Sibylle (Orgs.). *Devorando o tempo: Brasil, o país sem memória*. São Paulo: Mandarim, 2001.